

## VII

### A CORRESPONDÊNCIA DA CRÍTICA CRÍTICA

#### 1. A massa crítica (Karl Marx)

*Où peut-on être mieux  
Qu'au sein de sa famille?*<sup>1</sup>

A Crítica crítica, em sua existência *absoluta* na condição de senhor *Bruno*, declarou a humanidade em *massa*, toda a humanidade que não é Crítica crítica, como sua *antítese*, como seu *objeto essencial: essencial* porque a massa existe ad maiorem gloriam Dei<sup>2</sup> da Crítica, do espírito; *objeto* porque ela é simplesmente a *matéria* da Crítica crítica. A Crítica crítica proclamou a sua relação com a massa como a *relação histórico-universal* do presente.

No entanto, uma *antítese histórico-universal* não pode ser criada apenas através do esclarecimento de que a gente se encontra em oposição ao mundo inteiro. Alguém pode até imaginar que é a pedra de toque do escândalo universal apenas porque, devido a seus descuidos, escandaliza universalmente. Para que haja uma *antítese histórico-universal*, não basta que eu declare o mundo como *minha* *antítese*, mas é preciso, por outro lado, que o *mundo* me declare como sua *antítese essencial*, que me trate e *reconheça* como tal. Pois bem, a Crítica crítica alcança esse reconhecimento através de sua *correspondência*, que tem por missão *testemunhar* ante o mundo tanto o ofício redentor crítico quanto o *escândalo* geral do mundo ante o evangelho crítico. A Crítica crítica é seu próprio objeto na condição de *objeto do mundo*. E sua correspondência tem o papel de *mostrá-la enquanto tal*, enquanto *interesse universal* presente.

---

<sup>1</sup> “Onde pode alguém estar melhor/do que no seio de sua família?” (N.E.A.) Citação da comédia de um ato intitulada *Lucile*, do escritor francês Jean-François Marmontel; Cena quarta. (N.T.)

<sup>2</sup> Para a maior glória de Deus. (N.E.A.)

A Crítica crítica considera-se a si mesma como *sujeito absoluto*. O sujeito absoluto necessita de culto. E o culto *real* requer terceiros, indivíduos crentes. A *sagrada família de Charlotemburgo*<sup>3</sup> recebe, portanto, o culto tributado a ela por seus correspondentes. Os correspondentes lhe dizem *o que ela é* e o que seu adversário, a massa, *não é*.

É óbvio que, ao expor desse modo a opinião que a Crítica tem de si mesma como a opinião do mundo, ao *realizar* seu *conceito*, a Crítica peca por inconsequência. *Dentro dela mesma* se manifesta uma espécie de *formação de massa*, qual seja a formação de uma massa crítica, cuja missão monossilábica consiste em servir de eco incansável aos tópicos críticos. Todavia essa inconsequência é perdoável, justamente devido à consequência. A Crítica crítica, que não mora em meio ao mundo pecador, tem de estabelecer um mundo pecador dentro de sua própria morada.

O correspondente da Crítica crítica, o membro da massa crítica, não passeia sobre pétalas de rosa. Seu caminho é um caminho difícil, cheio de espinhos, é um caminho crítico. A Crítica crítica é um senhor espiritualista, a pura espontaneidade, *actus purus*<sup>4</sup>, intolerante com qualquer interferência *de fora*. O correspondente pode ser apenas um *sujeito aparente*, portanto, e apenas em *aparência* pode adotar uma atitude *independente* ante a Crítica crítica, apenas em *aparência* pode comunicar-lhe algo novo ou pessoal. Na *verdade* o correspondente é apenas sua própria *obra mal-feita*, sua própria voz *objetivada* e autonomizada por um instante.

Por isso os correspondentes não deixam de assegurar constantemente que a própria Crítica crítica *sabe, reconhece, conhece, compreende e experimenta* o que naquele mesmo instante lhe é comunicado em *aparência*. Assim, por exemplo, *Zerrleder* faz uso das seguintes expressões: “Vós compreendeis? Sim, vós o sabeis. Vós o sabeis pela segunda e pela terceira vez. Vós já haveis de ter ouvido vezes bastantes para poder reconhecê-lo vós mesmos”.

E *Fleischhammer*, o correspondente de Breslau, diz: “Mas o que” etc., “não é um enigma nem para mim, como haveria de sê-lo para vós?” Ou o correspondente de Zurique, *Hirzel*, que assim se expressa: “Vós mesmo por certo haveis de experimentar”. O correspondente crítico respeita de um modo tão zeloso a capacidade de compreensão absoluta *da* Crítica crítica, que chega a lhe atribuir capacidade de compreensão até mesmo *ali* onde não há absolutamente nada a compreender; por exemplo, *Fleischhammer*:

Vós haveis de me *compreender* [!] *totalmente* [!], se eu vos disser que a gente mal pode sair de casa sem encontrar aqui e ali jovens sacerdotes católicos, envoltos em seus hábitos e sobretudo negros e longos.

<sup>3</sup> Bairro de Berlim onde habitavam os irmãos Bauer. (N.T.)

<sup>4</sup> Ação pura. (N.E.A.)

Sim, em seu *temor* os correspondentes *ouvem* a Crítica crítica dizer, *responder, exclamar, rir-se deles!*

É o que acontece, por exemplo, com *Zerrleder*: “Mas... vós *dizeis*; pois bem, agora *escutai*”. Assim *Fleischhammer*: “Sim, claro, eu já escuto o que vós *dizeis*... Eu *também apenas* queria opinar”. E assim *Hirzel*: “Homem nobre, *havereis de exclamar!*” E, por fim, um correspondente de Tübingen: “*Não vos rides de mim!*”

Devido a isso, há ainda um outro tipo de procedimento característico dos correspondentes, qual seja o de se limitarem a comunicar à Crítica crítica *atos*, a fim de que ela se encarregue de *interpretá-los espiritualmente*; a fornecer-lhe *premissas*, deixando que ela mesma tire as *conclusões*; ou até a se *desculparem* por ruminarem coisas que ela já conhece há muito tempo.

Assim *Zerrleder*:

A única coisa que pode fazer vosso correspondente é traçar um quadro, uma pintura dos fatos. O *espírito* que anima essas coisas *por certo não haverá de ser* desconhecido justamente para vós. Ou ainda: Pois bem, com isso vós *podereis* tirar *vós mesmo* a *conclusão*.

Assim *Hirzel*:

O fato de que toda criatura brota do extremo de sua antítese, com essa sentença especulativa não *haverei de me pôr a vos importar*.

Ou também, conforme acontece em outras passagens, as *experiências* dos correspondentes são apenas a *realização e a confirmação* de *profecias* críticas.

Assim *Fleischhammer*:

Vossa *previsão* se *cumpriu*.

Assim *Zerrleder*:

As tendências que vos descrevi como cada vez mais difundidas na Suíça, longe de serem funestas são apenas *venturosas*... apenas uma *confirmação* de vosso *pensamento* já tantas vezes expressado etc.

A Crítica crítica por vezes se sente obrigada a expressar a condescendência da qual dá provas ao aceitar se corresponder, e ela funda essa condescendência no fato de que o correspondente resolveu de modo feliz *uma tarefa* qualquer. E assim o senhor Bruno escreve ao correspondente de Tübingen:

É realmente uma inconsequência da minha parte o fato de eu responder tuas cartas... Por outro lado mais uma vez tu... observaste algo tão *certo*, que eu... *não posso deixar* de te conceder o esclarecimento que me pedes.

A Crítica crítica deixa que lhe escrevam *da província*, não da província em seu sentido político, que, conforme se sabe, não existe em lugar nenhum na Alemanha, mas da *província crítica*, cuja capital é Berlim; *Berlim*, a sede dos patriarcas críticos e da sagrada família crítica, enquanto a massa crítica habita

nas províncias. E os *provincianos críticos* apenas ousam implorar a atenção da *suprema instância crítica* entre reverências e desculpas.

Assim, por exemplo, um anônimo escreve ao senhor *Edgar*, que na condição de membro da sagrada família é também um senhor distinto:

Prezado senhor! Que o fato de a juventude gostar de se unir aos seus nos esforços comuns (a *diferença de idade* existente entre nós dois se resume a apenas dois anos) vos sirva para *desculpar* essas linhas.

Esse coetâneo do senhor *Edgar* caracteriza a *si mesmo*, diga-se de passagem, como a *essência da novíssima filosofia*. E por acaso não está em ordem o fato de que a *Crítica* se corresponda com a *essência da filosofia*? E quando o coetâneo do senhor *Edgar* assegura que já perdeu os *dentes*, não deve se ver nisso mais do que uma alusão a sua *essência alegórica*. Essa “*essência da novíssima filosofia*” aprendeu com “*Feuerbach* a colocar o momento da formação na convicção objetiva”. Ela logo nos concede uma prova de sua *formação e de sua convicção*, ao assegurar ao senhor *Edgar* que alcançou uma “*convicção totalitária* de sua narrativa” – “Vivam os princípios firmes!”<sup>5</sup> –, confessando-lhe abertamente, ao mesmo tempo, que a intenção do senhor *Edgar* estava longe de ter ficado clara para ele, terminando por destruir no fim a segurança da convicção totalitária alcançada com a seguinte pergunta: “Ou será que vos *entendi de modo totalmente errado*?” Depois dessa prova haveremos de achar que está dentro da ordem o fato de a *essência da novíssima filosofia* se expressar da seguinte forma no que diz respeito à massa:

Nós temos de *condescender*, pelo menos uma vez, a investigar e desfazer o nó mágico que não permite ao *entendimento humano vulgar* a entrada na *torrente ilimitada do pensamento*.

Quem quiser alcançar uma noção completa a respeito daquilo que é a massa crítica não tem de fazer mais do que ler a *correspondência* do senhor *Hirzel*, de Zurique. (Caderno V.) Esse infeliz memoriza, com uma erudição verdadeiramente comovente e com uma memória primorosa, todos os tópicos críticos. As frases feitas preferidas das batalhas encaminhadas pelo senhor Bruno, das campanhas que ele planejou e conduziu, estão todas lá. Porém o senhor *Hirzel* cumpre o seu papel de membro da massa crítica com mais valor ao se exaltar a respeito da *massa profana* e sua relação com a *Crítica crítica*.

---

<sup>5</sup> O conto “*Es leben feste Grundsätze!*” (Vivam os princípios firmes!) de *Edgar Bauer* foi publicado no livro *Berliner Novellen* (Novelas berlinenses), editado por Alexander Weill e *Edgar Bauer* em Berlim no ano de 1843. Desse e de vários outros detalhes, pode-se ver que Marx jamais se metia no terreno da crítica sem conhecer a fundo – e por todos os lados – o objeto de sua crítica. Um dos pontos altos d’*A sagrada família* é, aliás, o fato de ela ser um dos exemplos mais bem-acabados de como deve ser uma crítica que se almeje digna do nome. (N.T.)

Ele fala da massa, que pensa ter parte na História, “da massa pura”, da “crítica pura”, da “pureza dessa antítese” – “uma antítese tão pura... como a História não conhece outra igual” –, da “*essência descontente*”, da “completa vacuidade, desgosto, covardia, crueldade, vacilação, ódio, amargor da massa contra a crítica”, “da massa que apenas existe para fortalecer com sua resistência o caráter agudo e a vigilância da Crítica”. Ele fala da “criação a partir do extremo da antítese”, da grandiosidade da Crítica em relação à *raiva* e outros sentimentos profanos do tipo. Tudo o que o senhor Hirzel fornece ao “*Jornal Literário*” limita-se a essa imensa riqueza de tópicos críticos. Assim como ele censura a *massa* por se contentar com simples “boas intenções”, com a “boa vontade” etc., assim mesmo ele se contenta a si mesmo na condição de membro da *massa crítica*, com frases feitas, com expressões de sua “mentalidade crítica”, de sua “crença crítica”, de sua “boa vontade crítica”, deixando a “ação, o trabalho, a luta” e as “obras” a cargo do senhor Bruno & Cia.

Apesar da espantosa descrição que os membros da “massa crítica” elaboram a respeito da tensão histórico-universal do mundo profano contra a “Crítica crítica”, para os infiéis, pelo menos, não foi comprovado ainda o fato dessa tensão *histórico-universal*. A repetição serviçal e acrítica das “ilusões” e “preensões” críticas através da boca dos correspondentes apenas confirma que as ideias fixas do senhor são também as ideias fixas de seu servo. É certo, no entanto, que um dos correspondentes críticos tenta provar a partir dos  *fatos*.

Vós vedes [ele escreve à sagrada família] que o “*Jornal Literário*” cumpre sua finalidade, quer dizer, não encontra *nenhuma ressonância*. Ele apenas conseguiria encontrar ressonância se fizesse coro à ausência de pensamentos, se vós avançásseis com orgulho ao som de campainhas e expressões que servissem de tema a musiquinhas fáceis de serem executadas.

Ao som de campainhas e expressões que servissem de tema a musiquinhas fáceis de serem executadas! Vê-se que o correspondente crítico se esforça em marchar por aí ao som de músicas que não são “fáceis de serem executadas”. No entanto, sua interpretação do fato de o “*Jornal Literário*” não encontrar ressonância tem de ser rechaçada como puramente *apologética*. Poder-se-ia interpretar esse fato de maneira inversa, e bem mais adequada, aliás, dizendo que a Crítica crítica se acha em *consonância* com a grande *massa*, ou seja com a grande massa de escribas que não encontram ressonância alguma.

Não basta, portanto, que os correspondentes *críticos* dirijam suas expressões críticas como se fossem “orações” à sagrada família e, ao mesmo tempo, “pragas” rogadas contra a massa. Para provar a tensão *real* existente entre a massa e a Crítica, fazem falta correspondentes *acríticos*, correspondentes *da massa*, fazem falta *verdadeiros* deputados da *massa* ante a Crítica crítica.

Por isso a Crítica crítica arruma um lugarzinho também para a *massa acrítica*. Permite que *representantes* imparciais da massa mantenham *cor-*

*respondência* com ela, que reconheçam como importante e como absoluta a antítese da massa com ela e que dessa antítese ressoe o grito de *angústia* que clama pela redenção.

## 2. A “massa acrítica” e a “Crítica crítica”

### a) A “massa empedernida” e a “massa insatisfeita” (Karl Marx)

A dureza de coração, a sensibilidade empedernida e a falta de fé cega “da massa” têm *um* representante bastante decidido. Esse representante fala da “formação puramente filosófico-hegeliana do Couleur berlinense”<sup>6</sup>.

O verdadeiro progresso [diz ele] que nós podemos encaminhar está apenas no reconhecimento da realidade. De vós, nós ficamos sabendo apenas, no entanto, que nosso conhecimento não dizia respeito à realidade, mas sim a algo irreal.

Ele caracteriza a “ciência da natureza” como o fundamento da filosofia.

Um bom cientista da natureza procede em relação à filosofia assim como o filósofo procede em relação à teologia.

Mais adiante, referindo-se ao “Couleur berlinense”, ele observa:

Não creio estar exagerando se procuro explicar o estado dessas pessoas dizendo que, ainda que tenham passado pelo processo da mudança espiritual, elas ainda não se desprenderam suficientemente da velha pelagem para poder assimilar os elementos da nova formação e do rejuvenescimento. Nós temos de tomar posse desses conhecimentos [os das ciências naturais e da indústria]. O mundo e o conhecimento dos homens, que nos é necessário antes de tudo, não pode ser adquirido apenas mediante a agudez do pensamento, mas todos os sentidos têm de colaborar e todos os dotes do homem devem ser empregados como instrumento necessário e indispensável para que ele seja alcançado, pois de outra maneira a intuição e o conhecimento seguirão sendo sempre defeituosos... e trarão consigo a *morte moral*.

Com isso o tal correspondente procura dourar a pílula que estende à Crítica crítica. Deixa que “*as palavras de Bauer* encontrem a aplicação adequada”, “perseguiu os pensamentos de Bauer”, faz com que “*Bauer tenha acertado no que disse*”, e no final das contas parece estar polemizando não com a Crítica, mas com algo que é bem distinto dela: o “Couleur berlinense”.

---

<sup>6</sup> O correspondente do *Jornal Literário Geral* chama de “Couleur berlinense” – *couleur* pode significar tanto “cor” quanto “naipe” em francês – aos neo-hegelianos de Berlim, que não pertenciam ao círculo de Bruno Bauer e atacavam a ele e seus consortes devido a coisas classificadas de pequenas e privadas. Um desses neo-hegelianos era Max Stirner (na verdade, Johann Kaspar Schmidt, 1806-1856), filósofo alemão que lançou as bases teóricas do anarquismo intelectual. Sua obra é citada também como precursora do existencialismo do século XX. (N.T.)

A Crítica crítica, que se sente atingida e que, ademais, é sensível como uma velha solteirona no que diz respeito a *assuntos da fé*, não se deixa enganar por essas distinções e meias-homenagens.

Vós vos *enganastes* [ela responde] se pensastes ver no partido que referis no início de vossa carta o *vosso inimigo*; melhor seria que *confessásseis* enfim [e agora vem a fulminante fórmula da excomunhão] “*que sois um adversário da própria crítica!*”

O pobre infeliz! O massivo! Um adversário da *própria* Crítica! No que se refere ao conteúdo daquela *polêmica massiva*, porém, a Crítica crítica declara o *respeito* por sua atitude crítica ante a *investigação da natureza* e da *indústria*.

*Todo o respeito pela investigação da natureza! Todo o respeito por James Watt e [eis uma construção verdadeiramente grandiosa!] e nenhum respeito ante os milhões que proporcionou a seus sobrinhos e sobrinhas.*

Todo o respeito ante o respeito da Crítica crítica! Na mesma carta em que a Crítica crítica repreende o recém-citado *Couleur berlinense* pelo fato de seus membros saltarem sem demonstrar esforço por cima de sólidos e valiosos trabalhos, sem tê-los estudado, pelo fato de eles se darem por *prontos* em relação a uma obra ao limitar-se à observação de que ela fará época etc., nessa mesma carta, *ela mesma* dá por *pronta* toda a investigação da natureza e toda a *indústria* com uma simples manifestação de respeito. A cláusula que a Crítica crítica acrescenta a sua manifestação de respeito pela *investigação da natureza* faz lembrar dos primeiros raios e trovões do bem-aventurado cavaleiro Krug contra a filosofia da natureza.

A natureza não é a única realidade, *porque a bebemos e a comemos em seus produtos individuais.*

A Crítica crítica sabe dos *produtos individuais* da natureza apenas “que nós os *comemos e bebemos*”. Todo o respeito pela ciência natural da Crítica crítica!

Consequentemente, ela opõe à incômoda e opressiva exigência de estudar a “natureza” e a “indústria”, a seguinte exclamação retórica, indiscutivelmente espirituosa:

Ou [!] pensais acaso que *já* tenha chegado ao fim com o conhecimento da realidade *histórica*? Ou [!] saberíeis mencionar um só período da História que já foi reconhecido *de fato*?

Ou a Crítica crítica acredita ter chegado apenas ao *começo* do conhecimento da realidade histórica, durante o tempo em que exclui o comportamento teórico e prático do homem diante da natureza, a ciência natural e a indústria do movimento histórico? Ou será que ela acredita já ter conhecido, na realidade, qualquer período sem conhecer, por exemplo, a indústria desse período, o modo direto de produção da própria vida? É certo que a Crítica crítica – espiritualista, *teológica* – apenas conhece, ou pelo menos conhece



em sua ilusão, as grandes ações políticas, literárias e teológicas e as ações de Estado da História. Assim como ela separa o pensamento dos sentidos, a alma do corpo, e se separa a si mesma do mundo, assim também ela separa a História da ciência natural e da indústria e vê o berço da História não na produção *material-grosseira* sobre a terra, mas nas nuvens vaporosas que formam o céu.

O representante da massa “empedernida” e “dura de coração” com suas reprimendas e admoestações certeiras é despachado como um *materialista da massa*. E não termina melhor um outro correspondente menos mau, menos massivo, que, ainda que ponha algumas esperanças na Crítica crítica, não as vê satisfeitas ao final. O representante da massa “*insatisfeita*” escreve:

Tenho de confessar, em todo caso, que o primeiro Caderno de vosso Jornal não foi *nem um pouco satisfatório*. Na verdade nós havíamos esperado outra coisa.

O *patriarca crítico* responde pessoalmente:

Que ele não haveria de satisfazer suas esperanças, eu sabia de antemão, pois não me foi nem um pouco difícil imaginar quais eram essas esperanças. A gente está tão esgotado que de repente se quer *tudo de uma vez*. Tudo? Não! Se possível tudo e nada ao mesmo tempo. Um tudo que não exige esforço, um tudo que possa ser adquirido sem que a gente se submeta a um desenvolvimento... um tudo que se torne real através de uma única palavra.

Em seu desgosto ante as exigências indevidas da “massa”, que reivindica *algo*, e inclusive *tudo* da Crítica que, por princípio e dom natural, “*não dá nada*”, o patriarca crítico procede como procedem os senhores de avançada idade e põe-se a contar uma *anedota*. Conta que, há pouco tempo, um berlinense *conhecido* se queixou, cheio de amargura, da prolixidade e da minuciosidade lata de seus escritos – pois, conforme se sabe, o senhor Bruno é capaz de arrancar um calhamaço de centenas de páginas de um pensamento mínimo, por menor que seja. O patriarca consolou-o prometendo enviar-lhe, amassada em uma pequena bola, a fim de que pudesse assimilá-la mais facilmente, a tinta necessária para a impressão de sua obra. Com efeito, segundo a explicação do patriarca, a extensão de suas “obras” é devida à má distribuição da tinta de impressão sobre o papel; da mesma maneira ele esclarece o nada de seu “Jornal Literário” a partir do vazio da “massa profana” que, para se encher, gostaria de devorar tudo e nada ao mesmo tempo.

Porém, mesmo sem desconhecer a importância das comunicações feitas até agora, não é fácil chegar ao ponto de vislumbrar uma antítese *histórico-universal* no fato de que um conhecido massivo da Crítica crítica a considere oca e ela, por sua vez, o considere acrítico, nem de que um segundo conhecido não veja satisfeitas as esperanças por ele depositadas no “Jornal Literário” e de que um *terceiro* conhecido e amigo da casa tenha por demasiado extensas as obras por ela escritas. No entanto,



o conhecido de número 2, que havia levantado esperanças, e o amigo íntimo de número 3, que deseja, pelo menos, conhecer os segredos da Crítica crítica, representam o ponto de transição para uma relação mais plena de conteúdo e mais tensa entre a Crítica crítica e a “massa acrítica”. Por mais cruel que a Crítica se manifeste em relação à massa, falando de “coração empedernido” e “de entendimento humano saudável”, ela não deixa de ser condescendente para com a mesma massa, que geme e chora buscando *redimir-se* da antítese. A massa, que se aproxima da Crítica com o coração destrozado, o ânimo disposto à penitência e o espírito cheio de humildade, haverá de receber alguma palavra *balançada, profética e grosseira* por recompensa.

**b) A massa “de coração mole” e “necessitada de redenção”  
(Friedrich Engels)**

O representante da *massa sentimental, afetuosa e necessitada de redenção* implora e se abana em busca de uma palavra benévola da Crítica crítica, com efusões cordiais, reverências e olhares de admiração como os seguintes:

Por que vos escrevo isso e por que me justifico diante de vós? Porque vos respeito e, por isso mesmo, *desejo o respeito* de vossa parte; porque vos devo a maior *gratidão* no que diz respeito a meu desenvolvimento, razão pela qual vos amo. Meu coração me tange a *justificar-me* ante vós, que me... censurastes... Estou bem longe de querer *impor-me* a vós e, julgando *por mim*, pensei que talvez a vós mesmo possa parecer-vos grato receber uma prova de *simpatia* de parte de uma pessoa a quem nem sequer se conhece. Não tenho, *de modo algum*, a *pretensão* de que vós ireis responder a esta carta: não quero roubar-vos o tempo, do qual podereis fazer melhor uso, *nem* impor-vos uma carga, *nem* *tampouco* expor-me à humilhação de *ver desiludido* algo em que pus minha esperança. Podereis até creditar o que escrevo ao *sentimentalismo*, à *impertinência*, e até mesmo à *vaidade* [!], ou ao motivo que melhor vos aprouver; podereis responder ou não; mas eu não posso resistir ao *impulso* de enviar-vos a carta, e apenas desejo ver-vos capazes de reconhecer nela o sentimento de *amizade* que a originou. [!!!!]

E, assim como Deus desde sempre se apiedou dos *simples de espírito*, assim também esse correspondente massivo, mas cheio de humildade e lamentoso em busca da misericórdia crítica, vê seus desejos *realizados*. A Crítica crítica lhe responde cheia de bondade. Mais ainda! Ela lhe proporciona as explicações *mais profundas* para ajudá-lo a compreender os objetos de sua sede de saber.

Há dois anos [nos ensina a Crítica crítica] era algo adequado aos tempos em que vivíamos lembrar do iluminismo francês do século XVIII para fazer com que também suas *tropas ligeiras* agissem na batalha que naquela época ocorria. Mas agora a coisa é muito diferente. Hoje em dia as coisas mudam com muita pressa. O que naquela época estava *em seu lugar* hoje em dia é um *descuido*.

Claro está que já naquela época era “um descuido”, ainda que um descuido “em seu lugar” adequado, o fato de a mesmíssima Crítica absoluta, na Anedota número II, página 89<sup>7</sup>, chamar essas *tropas ligeiras* de “nossos santos”, nossos “profetas”, “patriarcas” etc. A quem ocorria ver uma *tropa* de “patriarcas” em algumas *tropas ligeiras*? E era um descuido “em seu lugar” adequado o fato de ela falar, como falava, com tanto entusiasmo da abnegação, da energia moral e da exaltação com que essas *tropas ligeiras* “havia(m) passado a vida inteira pensando, trabalhando e estudando em favor da verdade”. Assim como também era um descuido o fato de que em “Cristianismo descoberto”, no “Prefácio”, ela tenha declarado que essas *tropas “ligeiras”* chegaram a parecer invencíveis, a tal ponto que *qualquer pessoa mais bem informada* teria testemunhado de antemão que elas haveriam de “arrancar o mundo dos trilhos”, e assim mesmo havia chegado a “parecer impossível de duvidar que conseguiriam também dar ao mundo uma nova forma”. Essas *tropas ligeiras*?

Mais adiante a Crítica crítica segue rabulando ao representante sedento de saber da “massa cordial”:

Ainda que os franceses tenham alcançado um *novo* mérito histórico com suas tentativas de criar uma nova teoria social, *agora* eles se acham, *no entanto*, *esgotados*; sua nova teoria ainda não era *pura*, suas fantasias sociais, sua *democracia pacífica* não se achavam ainda totalmente livres das premissas do velho estado de coisas.

A Crítica fala aqui – se é que ela fala alguma coisa em algum lugar – do *fourierismo* e, especialmente, do *fourierismo* da “*Démocratie pacifique*”<sup>8</sup>. Mas este está muito distante de ser a “teoria social” dos franceses. Os franceses têm *teorias sociais*, porém não *uma* teoria social, e esse *fourierismo* aguado que prega o “*Démocratie pacifique*” é simplesmente a teoria social de uma parte da burguesia filantrópica; o povo, de sua parte, é *comunista*, e ainda por cima dividido em uma multidão de frações diferentes; o verdadeiro movimento e a elaboração desses diversos matizes sociais não apenas não se *esgotaram*, como na verdade apenas *começam* de fato. Mas esse movimento não terminará na *teoria* pura, quer dizer, abstrata, como quer a Crítica crítica, mas sim numa *práxis* totalmente *prática*, que não terá a mínima preocupação com as categorias categóricas da Crítica.

---

<sup>7</sup> Engels refere-se, aqui, ao artigo de Bruno Bauer intitulado “*Leiden und Freuden des theologischen Bewusstseins*” (Sofrimentos e alegrias da consciência teológica), publicado no segundo volume do já citado “*Anedotas sobre a novíssima filosofia e publicística alemãs*”. (N.T.)

<sup>8</sup> O veículo citado, *Démocratie Pacifique* (“A democracia pacífica”), era um jornal diário dos fourieristas, publicado em Paris entre os anos de 1843 e 1851 sob a direção de Victor Prosper Considérant (1808-1893), político francês, representante máximo das ideias de Charles Fourier após a morte deste, em 1837. (N.T.)

Nenhuma nação [prossegue a Crítica em sua conversa mole] leva *alguma* vantagem sobre as outras até *agora*. Se uma delas puder chegar a alcançar sobre as outras uma... superioridade espiritual, haverá de ser aquela que for capaz de criticar a si mesma e às outras e de chegar a conhecer as causas da decadência geral.

*Toda* nação leva *alguma* vantagem sobre as outras até *agora*. Mas se a profecia crítica fosse acertada nenhuma nação *chegaria* a alcançar vantagem alguma sobre as outras, pois todos os povos civilizados da Europa – ingleses, alemães, franceses – agora “se *criticam* a si mesmos e aos outros” e são “capazes de chegar a conhecer as causas da decadência geral”. Enfim, não passa de uma *tautologia* frasista afirmar, como se faz acima, que o fato de “criticar”, [o fato] de “reconhecer” a atividade *espiritual* conferem uma *superioridade espiritual*; e a Crítica, que, com sua autoconsciência infinita, coloca-se acima das nações e aguarda que estas, prostradas a seus pés, implorem por luz, apenas acaba revelando com mais clareza, através desse caricaturesco idealismo germânico-cristão, o quanto ela ainda se encontra mergulhada até os cabelos na lama do *nacionalismo alemão*.

A crítica dos franceses e dos ingleses não é uma personalidade tão abstrata e extraterrena, que paira fora da humanidade, mas é, muito antes, a *atividade humana real* de indivíduos que são membros laboriosos da sociedade e que, como seres humanos que são, sofrem, sentem, pensam e atuam. É por isso que a crítica deles é, ao mesmo tempo, prática, e seu comunismo um socialismo através do qual eles oferecem medidas práticas e tangíveis, no qual não se limitam a pensar, mas, pelo contrário, agem tanto mais; esse socialismo é a crítica viva, real, da sociedade vigente, o reconhecimento das causas “da decadência”<sup>9</sup>.

Depois dos esclarecimentos da Crítica crítica ao membro da massa sedento de saber, ela já pode dizer com razão de seu “Jornal Literário”:

Aqui se exerce a crítica *pura*, expositiva, que aborda as coisas e à qual não pode ser feito reparo algum.

Aqui não “é oferecido *nada independente*”, aqui não se oferece absolutamente *nada* a não ser a *Crítica que nada oferece*, quer dizer, a Crítica que se completa ao chegar ao ponto máximo da ausência de crítica. A Crítica faz imprimir passagens marcadas e alcança o esplendor em *excertos*. Wolfgang

---

<sup>9</sup> Aqui Engels parece definir pela primeira vez o sentido peculiar do “socialismo” como sendo a ação prática que contrasta com – ou se diferencia da – a teoria comunista em si. A oposição entre a limitação teórico-especulativa da crítica alemã e a individualidade concreta, bem como a realidade prática dos movimentos críticos ingleses e franceses, além de coincidir por inteiro com a noção de Marx, é sugerida pela primeira vez n’*A sagrada família*. Lênin chegou a dizer, em suas glosas marginais à obra, que foi com *A sagrada família* que Marx progrediu “da filosofia hegeliana ao socialismo”. (N.T.)

Menzel e Bruno Bauer<sup>10</sup> se estendem a mão fraternal e a Crítica crítica se acha ali onde se achava a *filosofia da identidade* nos primeiros anos deste século, quando Schelling protestava contra a insinuação massiva de que pretendia oferecer algo, qualquer coisa, como se fosse a filosofia *pura*, a filosofia *totalmente filosófica*.

### c) A graça irrompe para a massa (Karl Marx)

O correspondente de coração mole, a cuja doutrinação acabamos de presenciarmos, mantinha relações *confortáveis* com a Crítica. Nele, a tensão entre a *massa* e a *Crítica* se insinua apenas de um modo idílico. Ambos os lados da antítese *histórico-universal* se comportavam, um em relação ao outro, de maneira *bem-intencionada* e *cortês* e, por isso, de maneira *exotérica*.

A Crítica crítica em seu efeito *antissanitário* e estremecedor de espíritos que exerce sobre a massa revela-se apenas quando ela se ocupa de um correspondente que tem um dos pés na Crítica, mas com o outro já pisa no mundo profano. Esse correspondente representa a “massa” e suas lutas *interiores* com a Crítica.

Em certos momentos lhe parece “que o senhor Bruno e seus amigos não entendem a *humanidade*”, “que eles estão, na verdade, cegos”. Mas de imediato ele se corrige:

Sim, vejo tão *claro como a luz do sol* que vós tendes razão e que vossos pensamentos correspondem à verdade, mas haveis de me *perdoar* se eu vos disser que *tampouco* o povo está errado... Oh *sim!* o povo tem razão... Que vós tendes razão, eu não posso negar... De fato não sei até onde isso tudo acabará chegando: vós haveis de dizer... pois bem, fique em casa então... Ah, eu já não posso mais... Ah... parece que se assim não fosse a gente teria de *ficar louco* ao final... Vós haveis de acolher com *benevolência*... Acreditai em mim, o conhecimento adquirido faz com que a gente por vezes se sinta tão *bobo* como se uma roda de moinho estivesse a dar voltas pela nossa cabeça.

Também outro correspondente escreve que ele “*em certas ocasiões* parece perder o *controle*”. Como se vê, naquele correspondente massivo a *graça crítica* trabalha a ponto de estar pronta a irromper. O pobre verme! A massa pecadora puxa-o por um lado e a Crítica crítica por outro. Não é o conhecimento adquirido que joga os catecúmenos da Crítica crítica nesse estado de embotamento, mas sim o dilema da *fé* e da *consciência*: Cristo crítico ou o povo, Deus ou o mundo, Bruno Bauer e seus amigos ou a massa profana! Mas assim como o dilaceramento extremo do pecador precede a irrupção da *graça divina*, a *estupidificação* sufocante é a precursora da *graça crítica*. E quando essa graça alcança enfim a irrupção o eleito não chega a perder a estupidez, mas perde pelo menos a *consciência da estupidez*.

---

<sup>10</sup> Wolfgang Menzel (mais sobre ele no adendo relativo às pessoas citadas no livro, elaborado ao final) foi um dos censores públicos alemães mais conhecidos da época. (N.T.)

### 3. A massa crítica-acrítica ou a Crítica e o “Couleur berlinense”

A Crítica crítica não logrou apresentar-se como a *antítese essencial* e, portanto, não logrou, ao mesmo tempo, fazer de si mesma o *objeto essencial* da humanidade em massa. Prescindindo dos representantes da massa *empedernida*, que repreende a Crítica crítica por sua *carência de objeto* e lhe dá a entender, da maneira mais galante, que ainda não passou pelo “*processo da mudança*” espiritual, e que deve, antes de tudo, começar por adquirir sólidos conhecimentos... fica claro que o correspondente de *coração mole* não é, em primeiro lugar, nenhuma *antítese* e, em segundo lugar, que o verdadeiro motivo de sua aproximação da Crítica crítica é *puramente pessoal*. O que ele quer, na verdade, conforme qualquer um pode ver através de sua carta ao relê-la em toda a sua extensão, não é mais do que fazer de sua devoção pelo senhor *Bruno Bauer* a mediadora de sua devoção pelo senhor *Arnold Ruge*. Essa tentativa mediadora é digna de seu coração bondoso. Mas ele não chega a formar, de maneira alguma, um *interesse massivo*. O correspondente que se apresenta por último, por fim, já não era mais um membro *real* da massa, era, no fundo, um catecúmeno da Crítica crítica.

A massa é, aliás, um objeto absolutamente *indeterminado*, que por isso não pode exercer uma ação determinada nem entrar em uma relação determinada. A massa, enquanto objeto da Crítica crítica, não tem nada em comum com as massas *reais* que, por sua vez, vêm a formar entre si antíteses das mais massivas. A massa da Crítica é “fabricada” por ela mesma, como se um cientista da natureza em vez de falar de uma classe de animais determinada, opusesse *essa* classe a si mesmo.

Além dessa massa *abstrata*, uma quimera de seu próprio cérebro, a Crítica crítica ainda necessita de uma outra massa, uma massa *determinada*, empiricamente demonstrável e não simplesmente imaginada, para possuir uma antítese realmente massiva de si mesma. Essa massa deve necessariamente vislumbrar na Crítica crítica, ao mesmo tempo, sua *essência* e, também ao mesmo tempo, a *aniquilação de sua essência*. Ela tem de *querer ser*, mesmo sem *poder sê-lo*, Crítica crítica, não massa. Essa massa crítica-acrítica é o “Couleur berlinense” referido anteriormente. A massa da humanidade que se ocupa com seriedade da Crítica crítica se reduz, com efeito, a um Couleur berlinense.

O “Couleur berlinense”, o “*objeto essencial*” da Crítica crítica, com o qual ela jamais deixa de se ocupar mentalmente e que ela sempre vê ocupado mentalmente com ela, consiste, tanto quanto sabemos, de uns poucos *neo-hegelianos* ci-devant<sup>11</sup>, aos quais a Crítica crítica, segundo ela afirma, em

---

<sup>11</sup> Antigo. (N.E.A.)

parte infunde o *horror vacui*<sup>12</sup>, em parte a sensação *da nulidade*. Ao dizer isso, não investigamos a situação dos fatos mas confiamos nas manifestações da Crítica.

De modo que a *correspondência* é destinada sobretudo a explicar *de maneira prolixa* ao público essa relação *histórico-universal* entre a Crítica e o “Couleur berlinense”, a revelar seu profundo significado, a expor a crueldade necessária da Crítica para com essa “massa” e, enfim, a criar a aparência de que o *mundo inteiro* vive angustiadamente preocupado com essa antítese, sendo que uns se manifestam a favor e outros contra o método *da* Crítica. Assim, a Crítica *absoluta* escreve, por exemplo, a um correspondente, que toma o partido do “Couleur berlinense”:

Coisas do tipo eu *já* ouvi *tantas vezes* que me decidi a não as tomar mais em consideração.

O mundo não tem ideia de quantas vezes ela teve de se ocupar com coisas críticas *do tipo*.

Escutemos, agora, o que um membro da massa *crítica* informa a respeito do representante do Couleur berlinense:

“Se alguém reconhece os Bauer” [a sagrada família tem de ser reconhecida sempre *pê-le-mê*<sup>13</sup>], assim começa sua resposta, “esse alguém sou *eu*; mas o *Jornal Literário*! Tudo como deve ser! Foi interessante para mim escutar o que um desses radicais, desses espertos do ano de 1842 pensava a respeito de vós...”

Eis que agora nos informam que o infeliz representante do Couleur berlinense tinha todo o tipo de censuras a fazer ao “*Jornal Literário*”.

A novela do senhor Edgar, “Os três homens de bem”, ele achou-a tosca e exagerada. Não compreendia que a *censura* não é tanto um combate corpo a corpo, um combate em direção ao exterior, quanto uma luta interior. Ele não se digna ao esforço de voltar-se para dentro de si mesmo e substituir as *frases contrárias à censura* pelo *pensamento crítico* desenvolvido com *sutilidade* e desdobrado em todos os seus aspectos. O ensaio do senhor Edgar acerca de Béraud, ele o achou pouco fundamentado. O informante crítico, por sua vez, acha-o bem fundamentado. Ele até chega a confessar: “Eu... não conheço o livro de Béraud”. Mas em compensação ele *acredita* que o senhor Edgar *logrou alcançar...* etc. e a crença, conforme se sabe, torna o homem bem-aventurado. “No fundo”, prossegue o crente crítico, “ele [o membro do Couleur berlinense] não está *nem um pouco* satisfeito com o papo de Edgar”. Também Proudhon ele acha “que não foi tratado com seriedade e *profundidade* suficientes”. E aqui o informante dá ao senhor Edgar seu testemunho:

---

<sup>12</sup> Horror ante o vazio. (N.E.A.)

<sup>13</sup> Do início ao fim (em alemão, *in Bausch und Bogen*). (N.E.A.)

É certo [!?] que eu conheço Proudhon e sei que a exposição de Edgar tomou dele os pontos *característicos* colocando-os em seguida, uns junto aos outros, de um modo bem ilustrativo.

O único motivo pelo qual a crítica tão *excelente* do senhor Edgar a respeito de Proudhon não satisfaz só pode residir, segundo o informante, no fato de que o senhor Edgar não *desencadeia nenhum tipo de maus ventos* contra a propriedade. Sim, é preciso pensar nisso, o adversário acha o ensaio do senhor Edgar a respeito da Union ouvrière *insignificante*. O informante consola o senhor Edgar:

Naturalmente, ele não contém nada de *original*, e essas pessoas voltaram a se entregar de fato ao ponto de vista de *Gruppe*, o qual na verdade *já* *abandonaram*. Dar, dar, dar, é só isso que a Crítica deve fazer!

Como se a Crítica não tivesse dado, já, toda uma série de descobrimentos completamente novos no campo da linguística, da história, da filosofia, da economia política e da jurisprudência! E ela é tão modesta que permite que se lhe diga que não deu nada *original*! Até mesmo nosso correspondente crítico deu à mecânica praticada até hoje algo desconhecido, quando faz as pessoas *voltarem* aos *mesmos* pontos de vista dos quais *já* *saíram*. A lembrança dos pontos de vista de *Gruppe* é bem pouco hábil. Em seu folheto, ademais miserável e nem sequer digno de nota, Gruppe perguntou ao senhor Bruno que contribuição crítica ele tinha a dar a respeito da *lógica especulativa*? O senhor Bruno limitou-se a mandá-lo às gerações futuras e...

um tolo espera por resposta.<sup>14</sup>

Assim como Deus um dia castigou o faraó incrédulo endurecendo-lhe o coração e não *o considerando digno* de ser iluminado, assim também o informante assegura:

Por isso vós *nem sequer sois digno* de ver e reconhecer o conteúdo de vosso Jornal Literário.

E em vez de recomendar ao senhor Edgar que desse um jeito de arranjar pensamentos e conhecimentos, ele se limita ao seguinte conselho:

Edgar pode até arranjar um *saco de frases feitas* e pôr as mãos às cegas dentro dele quando escrever seus ensaios no futuro e assim adquirir um estilo que ecoe junto ao público.

Fora as garantias de uma “certa raiva, desgosto, falta de conteúdo, ausência de pensamentos e de ideias a respeito da coisa, a qual eles não conseguem captar, além de um sentimento de nulidade” – todos esses epítetos,

---

<sup>14</sup> Referência a um verso de Heinrich Heine, extraído do poema “Fragen” (Perguntas), em *Mar do Norte (Nordsee)*, Segundo ciclo. (N.T.)



entenda-se, referem-se ao Couleur berlinense –, são feitas elegias como as que seguem à sagrada família:

A facilidade do tratamento que analisa as coisas a fundo, o domínio das categorias, a visão adquirida pelo estudo, em uma palavra, o *domínio* dos objetos de análise. Ele [o sujeito do Couleur berlinense] facilita as coisas para si mesmo, vós fazeis com que a coisa se torne fácil para a gente. Ou: Vós praticais no “Jornal Literário” a crítica pura, expositiva, que analisa as coisas a fundo.

No final das contas o correspondente crítico diz:

Eu me estendi tanto ao vos escrever porque sei que vos causo *uma alegria* ao comunicar-vos as opiniões do meu amigo. Através delas podereis constatar que o “Jornal Literário” cumpriu seu papel.

Seu papel é sua antítese em relação ao Couleur berlinense. Se até agora vivemos a *polêmica* do Couleur berlinense contra a Crítica crítica e sua censura com relação a essa polêmica, agora nos é caracterizado de maneira dupla a aspiração do Couleur berlinense pela misericórdia da Crítica crítica.

Um correspondente escreve:

Meus conhecidos de Berlim me disseram, quando lá estive no começo deste ano, que era procedimento vosso repelir todo mundo, mantendo qualquer pessoa o mais distante possível, mantendo-vos completamente isolado a fim de evitar qualquer aproximação, qualquer contato com quem fosse. Eu não posso saber, naturalmente, de que lado está a culpa.

A Crítica *absoluta* responde:

A crítica não toma *nenhum partido*, não quer ter nenhum partido como o seu; é *solitária*... solitária ao abismar-se em *seu* [!] objeto, solitária ao se enfrentar com ele. Ela *se livra de tudo*.

Do mesmo modo que a Crítica crítica acredita se sobrepor a todas as antíteses dogmáticas ao substituir as antíteses reais pela antítese imaginária *entre si mesma* e o mundo, *entre o Espírito Santo* e a *massa profana*, ela acredita que se eleva acima dos *partidos* ao cair *debaixo* do *ponto de vista do partido*, ao posicionar-se na condição de *partido* em oposição ao resto da humanidade e concentrar todo seu interesse na personalidade do senhor Bruno & Cia. Que a Crítica se entrona na solitude da *abstração*, que ela mesma, ao se ocupar de um *objeto* de maneira aparente, não sai de sua solidão carente de objeto para entrar em uma relação *social* de verdade com um *objeto real*, porque *seu objeto* é apenas o objeto *de sua imaginação*, simplesmente um objeto imaginário, é uma *confissão* crítica cuja verdade aparece confirmada por toda a nossa exposição. E não menos corretamente ela determina o caráter de sua *abstração* como a *abstração absoluta*, ao dizer que “*se livra de tudo*”, e justo essa libertação do *nada* que *se livra de tudo*, de *tudo* o pensar, de *toda* a contemplação etc., é o *absurdo absoluto*. A solitude, ademais, que

é alcançada a partir da libertação, da abstração do *todo*, acha-se tão pouco livre do objeto do qual ela se abstrai quanto *Orígenes* se achava livre do *membro procriador*, que ele *livrou* de si.

Um outro correspondente começa por apresentar *um* dos que fazem parte do “Couleur Berlinense”, o qual ele viu e com o qual falou, como “mal-humorado”, “abatido”, “sem poder mais abrir a boca”, como “pusilânime”, como alguém que “sempre tinha na ponta da língua uma palavra insolente”. Esse membro do “Couleur berlinense” conta ao correspondente, que por sua vez refere à Crítica:

Disse que não pode compreender como homens como vós dois, que ademais costumam venerar o princípio da humanidade, podem comportar-se de um modo tão reservado, tão displicente e inclusive tão soberbo. [Ele diz não saber] por que existe certo tipo de pessoa que, conforme parece, provoca deliberadamente uma cisão. Todos abraçamos, com efeito, o mesmo ponto de vista, todos nós *veneramos* ao extremo a Crítica, somos todos capazes de compreender e aplicar um pensamento extremo, ainda que ele não parta de nós. [Segundo ele] o princípio inspirador dessa cisão não é outro que não o egoísmo e a soberba.

E então o correspondente deixa escapar as palavras decisivas:

Será que pelo menos alguns entre nossos amigos não compreenderam a Crítica ou pelo menos a *boa vontade da Crítica*... “ut desint vires, tamen est laudanda voluntas”.<sup>15</sup>

A Crítica responde através das seguintes *antíteses* entre si e o Couleur berlinense:

Diz que são “*diferentes* pontos de vista da crítica”. Que os outros “acreditam carregar a crítica no bolso”, ao passo que eles “conhecem e aplicam realmente o poder da crítica”; quer dizer, a Crítica não mantém a crítica no bolso. Para o Couleur, a crítica seria a pura forma, para eles, ao contrário, ela seria o “*mais pleno conteúdo*”, ou, muito antes, a única coisa *plena de conteúdo*. Assim como o pensamento absoluto se considera a si mesmo como se fosse toda a realidade, *assim* também a Crítica crítica. Por isso ela não vê *fora de si* nenhum conteúdo; ela não é, portanto, a crítica de objetos *reais*, que habitam fora do sujeito crítico, ela *fabrica*, muito antes, o objeto, ela é o *sujeito-objeto* absoluto. Adiante! “O primeiro modo da crítica deve começar com expressões acerca de tudo, indo além do estudo das coisas em si, e o segundo se livra *de tudo*, através de expressões.” O primeiro é “*ignorantemente inteligente*”, o segundo “está estudando”. O segundo é, no entanto, pouco inteligente e aprende parça, par là<sup>16</sup>, mas apenas de maneira aparente, apenas para poder lançar aquilo

---

<sup>15</sup> “Ainda que faltem as forças, há que se elogiar a vontade.” (N.E.A.)

<sup>16</sup> Aqui e ali. (N.E.A.)

que aprendeu superficialmente como sabedoria autoinventada, transformada em “tópico”, contra a massa, da qual ele o aprendeu, e solucioná-lo em um absurdo crítico-crítico.

Aos primeiros importam palavras como “extremo”, “ir adiante”, “não ir suficientemente adiante”, transformadas em categorias das mais elevadas, o segundo *desvenda os pontos de vista* e não lhes aplica as *medidas* daquelas categorias abstratas.

As exclamações da Crítica número 2, de que já não se deve mais falar mais em política, de que a filosofia está liquidada, sua afirmação de que está além dos sistemas sociais e suas argumentações através de palavras tais como “fantástico”, “utópico” etc. ... que é isso tudo se não uma versão *criticamente emendada* do “ir adiante” e do “não-ir-suficientemente-adiante”? E suas “medidas”, tais como “a História”, “a Crítica”, a “síntese dos objetos”, “o velho e o novo”, “Crítica e massa”, o “afundar nas posições”; em uma palavra, todos os seus tópicos não são, por acaso, *medidas categóricas* e abstratamente categóricas?

Os primeiros são teológicos, malignos, invejosos, mesquinhos, arrogantes; os segundos, o *contrário* de tudo isso.

Depois que a Crítica tributa a si mesma, desse modo – e de um só alento – uma dúzia de louvores e proclama ter tudo aquilo que falta ao Couleur berlinense, à maneira de Deus, que *é* tudo o que *não é o homem*, ela dá a si mesma o seguinte testemunho:

A crítica alcançou uma claridade, uma sede de saber e uma quietude que a tornam *inatacável e insuperável*.

Por isso é que, diante de sua antítese, o Couleur berlinense, ela “apenas pode assumir, em suma, a atitude do *riso olímpico*”. E essa *gargalhada* – com sua habitual minuciosidade, desenvolve o que esse riso é e o que não é – “essa gargalhada não tem nada de soberba”. De maneira alguma! Ela é a negação da negação. Ela “*é apenas o processo* que o crítico tem de aplicar *necessariamente*, com fruição e tranquilidade de espírito, contra um *ponto de vista subordinado* que *presume ser igual ao seu*”. Que presunção! Quando o crítico se ri, portanto, *aplica um processo*! E em sua “tranquilidade de espírito” aplica o *processo do riso* não contra pessoas, mas sim contra um *ponto de vista*! Até o riso é uma categoria que a Crítica crítica aplica e inclusive *tem de, necessariamente, aplicar*!

A crítica exterior ao mundo não é uma *atividade essencial* do sujeito humano real, que vive, portanto, na sociedade *presente*, que sofre e compartilha suas penas e seus gozos. O indivíduo *real* é apenas um *acidente*, um receptáculo terreno da Crítica crítica, que se revela nele como a *substância eterna*. O sujeito não é, aqui, a crítica do indivíduo humano, mas sim o *indivíduo inumano da Crítica*. Não é a crítica que é uma *manifestação do homem*, mas o homem

que é uma *manifestação da crítica*; por isso o Crítico vive completamente fora da sociedade.

Pode o crítico viver na mesma sociedade em que ele vive, a mesma sociedade que ele critica?

Muito melhor seria perguntar: Não deve ele viver nessa sociedade, não deve ser ele mesmo uma manifestação vital dessa sociedade? Por que o crítico *vende* seu produto espiritual, se com isso torna a pior lei da sociedade atual a sua lei?

O crítico nem sequer pode ousar misturar-se *pessoalmente* na sociedade.

Por isso ele forma para si uma *sagrada família*, assim como o Deus solitário aspira a superar através da sagrada família sua separação tediosa da sociedade. Se o Crítico *quer se ver livre da má sociedade*, o primeiro que ele tem de fazer é livrar *a si mesmo da sociedade*.

Assim o crítico se vê privado *de todos os gozos da sociedade*, mas também lhe são alheios *os sofrimentos dela*. Ele não conhece nem *amizade* [exceção feita à amizade dos amigos críticos], nem amor [exceção feita ao *amor-próprio*], mas em compensação a calúnia se bate impotente contra ele, nada pode injuriá-lo, ele não sabe o que é o ódio nem a inveja; a raiva e o rancor são para ele *emoções desconhecidas*.

Enfim, o Crítico é livre de todas as *paixões humanas*, ele é uma *pessoa divina*, e pode cantar de si mesmo a canção da freira, que diz:

Eu não sonho com amor nenhum,  
Eu não sonho com nenhum homem,  
Eu sonho apenas com Deus pai,  
Que pode me conservar.<sup>17</sup>

Não foi dado à Crítica escrever uma passagem que seja sem se contradizer. De modo que ela nos diz, no final:

O filistinismo, que apedreja o crítico [segundo a analogia bíblica ele tem de ser mesmo apedrejado], que o desconhece e lhe atribui motivos *impuros* [olha só, atribuir motivos *impuros* à crítica *pura*!], a fim de poder *se igualar* a ele [a quimera da igualdade, que ela censurou acima], o crítico nem sequer *se ri dele*, pois ele nem sequer o merece, mas apenas o desmascara com um olhar e o repudia com serenidade a seu insignificante significado.

Mais acima, o Crítico tinha *necessariamente* de aplicar o processo do *riso* contra “o ponto de vista subordinado que pretendia ser seu igual”. A falta de clareza da Crítica crítica acerca de seu modo de proceder contra a “massa” ímpia quase parece apontar a uma irritação interior, a um ataque da bÍlis, para a qual as “emoções” não são nem um pouco “desconhecidas”.

---

<sup>17</sup> Citação de uma canção popular alemã intitulada “A freira”. (N.T.)

Não se pode deixar de reconhecer isso. Depois de ter combatido de maneira hercúlea até agora, a fim de *se livrar* da “massa profana” e acrítica, e aliás “de tudo”, a Crítica enfim logrou conquistar uma existência *solitária, divina, que se basta a si mesma* através de seu trabalho. Se nas primeiras manifestações dessa sua “nova fase” o velho mundo das *emoções pecaminosas* ainda parecia exercer alguma força sobre ela, agora a encontraremos encarnada em uma “*forma artificial*”, encaminhando de maneira definitiva seu esfriamento estético e sua *transfiguração*, assim como sua *penitência*, para que, no fim, possa festejar na condição de segundo *Cristo* triunfante o *Juízo Final crítico*, e ascender com tranquilidade ao céu, depois de ter triunfado sobre o dragão.